

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

“FALHEI NO QUE FUI, FALHEI NO QUE QUIS, FALHEI NO QUE SOUBE”: LEITURAS DA POESIA DE ÁLVARO DE CAMPOS⁹

Alessandra Magalhães (PUC-RJ)

Ulisses reencontrará, pois, sua Ítaca lá mesmo onde a havia deixado; mas o Ulisses de outrora, aquele que deixou sua ilha, ele não encontrará mais. Ulisses é agora um outro Ulisses, que reencontra outra Penélope. E Ítaca é também uma outra ilha, no mesmo lugar, mas não na mesma data. A viagem no espaço é uma viagem no tempo, e o ponto de chegada, o ponto fixo ansiado não existe, deixando-nos à deriva.

(Matos, 1987, p. 155)

Fernando Pessoa é, sem dúvida, um poeta genial. Seu raciocínio é misterioso, intrincado, provisório, inacabado, lacunar e fingido – no sentido etimológico deste verbo. A etimologia do verbo fingir está no latim *fingere*, que entre tantas definições pode significar modelar em barro; formar; representar; esculpir. O poeta esculpe em palavras a sua obra. É a palavra poética que dá vida aos seus heterônimos, posto que são os textos que os inscrevem no mundo. A poesia moderna, segundo Hugo Friedrich (1978, p. 14), guarda a singularidade de prescindir da experiência realmente vivida pelo artista, ou seja, a leitura da poesia como verdade daquele que a escreveu fica vedada. Sendo assim, a criação heteronímica impede uma associação entre o eu empírico e o eu poético.

Na escritura da sua poesia, Fernando Pessoa constrói sujeitos incomodados pelas incertezas da modernidade. Tal qual Ulisses, retornado a Ítaca para reencontrar aquilo que é seu, o eu construído pela poesia do heterônimo Álvaro de Campos busca na infância uma possibilidade, uma alternativa à interioridade precária, instável e di-

⁹ O texto ora apresentado é resultado da dissertação de mestrado – “Pórtico partido para o impossível: o outrora e o agora na poesia de Álvaro de Campos” – defendida no programa de Estudos de Literatura da PUC-Rio, em 2006, tendo sido orientada pela professora Cleonice Berardinelli, a quem dedico este texto.

vidida do seu presente. Porém, *agora*, já não se reencontrará mais aquele eu de *outrora*. Segundo Jacinto do Prado Coelho (1973, p. 96), no caso da poesia pessoana, “recordar não é reviver, é apenas verificar com dor que fomos outra coisa cuja realidade essencial nos não é permitido recuperar.” Por isso, “a infância que lembramos não é, portanto, a infância que tivemos, mas uma representação actual da infância [...]” (Coelho, 1973, p. 99)

O estudo dos poemas do heterônimo Álvaro Campos levou-nos ao encontro da construção de um sujeito que tem duas vidas, a sonhada, da infância, e a prática e útil, do mundo do adulto. O tédio, o cansaço, a melancolia, a angústia são sentimentos que vêm acometer o eu do presente, do *agora*. Em contrapartida, a infância, o *outrora*, é um lugar de aconchego, é o lar das tias velhas, é o tempo em que se comemorava o dia dos seus anos.

Conforme escreveu Olgária Matos,

A viagem ao passado é uma viagem “em sentido inverso ao da morte”, é a busca da promessa de felicidade vislumbrada, por assim dizer, na infância, aquela reserva de energia que os anos por vir comprometerão irremediavelmente ou resgatarão. O adulto quando se torna melancólico é chamado a precisar e desocultar a própria infância durante toda a sua vida. (Matos, 1987, p. 155)

A promessa de felicidade, no entanto, está longe do alcance deste eu de *agora*, pois está na infância ou dentro das casas que ele só vislumbra de fora, já que não pode entrar senão ela não estará mais lá. É preciso levar em conta que na poesia do engenheiro a casa toma dois sentidos, um real e outro metafórico, ou seja, a casa representa tanto o lar como a si mesmo, por isso, a felicidade mora sempre na casa dos outros. Conforme podemos observar nos seguintes versos:

Na casa defronte de mim e dos meus sonhos,
Que felicidade há sempre!
Moram ali pessoas que desconheço, que já vi mas não vi.
São felizes, porque não são eu. (PAC, p. 203, v. 1-4)¹⁰

¹⁰ Para as citações das poesias de Álvaro de Campos utiliza-se a edição: PESSOA, Fernando. Poemas de Álvaro de Campos. Fixação do texto, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, abreviada pela sigla PAC.

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

Nesta profunda viagem ao interior de si mesmo, em nenhuma parte há lugar para repouso. Aquilo que se perdeu, no percurso do *outrora* ao *agora*, instaura um sentimento de melancolia.

Conforme escreve Sigmund Freud (1974, p. 277-8), em “Luto e Melancolia”, assim como o luto, a melancolia também pode constituir a perda de um objeto amado, com a diferença de que não se pode conscientemente perceber o que se perdeu. E, mesmo que se esteja ciente da perda que originou a melancolia, ou seja, mesmo que se saiba quem ou o que foi perdido, não se consegue identificar o que se perdeu nesse alguém. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia, o vazio é de si mesmo.

A melancolia é, para Eduardo Lourenço, um jogo interior, no qual as coisas da memória estão mais vivas que as do presente, contudo tornadas inacessíveis. É só na viagem através de si mesmo que será possível atingir aquilo que estava interdito. (Lourenço, 2003, p. 18)

Seguindo, portanto, estas duas concepções de melancolia apresentadas, percebemos que, na poesia de Campos, a melancolia é efeito de uma perda que ocorre no próprio eu.

Portanto, para este eu de *agora* sobrou o vazio inquieto, restaram os sentimentos de melancolia, tédio, angústia e náusea diante de tudo. Joel Serrão (1965, p. 157) afirma que o tédio é inseparável da consciência de um tempo esvaziado de conteúdo. É uma “antecâmara” da angústia, que “é a vida subtraída ao futuro, asfíxiada por um presente sem dimensões.” (Lourenço, 2003, p. 16)

Na poesia de Campos, o vazio interior toma conta do eu de *agora*, tornando a sua vida oca, sem sentido. A passagem do tempo é vivida com mal-estar. Não se consegue viver a existência de maneira completa e inteira. O mal-estar provoca um “estar-entre”, um “quase”, um “poder ser que...”, até, gradualmente, torna-se algo de onde não emerge mais: “isto”.

Mal sei como conduzir-me na vida
Com este mal estar a fazer-me pregas na alma!
Se ao menos endoidecesse de veras!
Mas não: é este estar-entre,
Este quase,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Este poder ser que...
Isto. (PAC, p. 66, v.8-14)

Tem-se a sensação de que falhou em tudo –
Sou quem falhei ser.
Somos todos quem nos supusemos.
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca. (PAC, p. 197, v. 6-8),

e *agora*, toma conta a náusea e a ânsia: “Não sou senão náusea, não sou senão cisma, não sou senão ânsia,” (PAC, p. 164, v. 7)

Segundo Cleonice Berardinelli (2004, p. 272), “a palavra náusea não é rara neste heterônimo e reproduz invariavelmente a sensação de mal-estar diante das abstrações que o obsidiam: a vida, o sentimento da vida, o mesmo sonho...”. Tudo isto faz com que tenha vontade de vomitar a si mesmo. “Tenho vontade de vomitar, e de me vomitar a mim... / Tenho uma náusea que, se pudesse comer o universo para o despejar na pia, comia-o.” (PAC, p. 326, v. 22-23)

A consciência de um tempo esvaziado de sentido, dominado pelo cansaço e pela abulia, provoca um constante adiamento da vida, um ficar sempre “na mesma coisa que antes de ontem” (Cf. PAC, p. 170, v. 6). Todas as promessas são adiadas para o porvir, porque hoje é um tempo de abulia e cansaço: “Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...” (PAC, p. 159, v. 1).

Chegado o dia de fazer planos ou mesmo da ação definitiva, tudo fica adiado, porque não é possível viver feliz no hoje: “Amanhã sentar-me-ei à secretária para conquistar o mundo / Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã” (PAC, p. 159, v. 15-16). Daí, o resgate da infância de maneira terna e saudosa, já que o presente está “sempre marcado pela falta, pela carência, pela saudade.” (Berardinelli, 2004, p. 397).

O que falta hoje é “o circo de domingo” da infância, pois o de *outrora* é uma representação atual da sua infância, recordada pelos olhos do adulto de hoje como espaço / tempo de felicidade. Como se diz nos seguintes versos:

Quando era criança o circo de domingo divertia-me toda a semana.
Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da minha infância... (PAC, p. 159-160, v. 21-22).

Depois de amanhã triunfará sobre a sua vida “falhada” em tudo, será outro, suas qualidades serão convocadas, será finalmente o

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

que hoje não pode nunca ser. Mas, tudo isso só se dará depois de amanhã, porque hoje nada pode fazer, já que o sono o domina.

Contudo, à força da necessidade, diversas vezes, o *agora* se impõe como o momento de arrumar a vida e organizar os sonhos malbaratados. Só que, de novo, o adiamento e o cansaço vencem a vontade.

Arrumar a vida, pôr prateleiras na vontade e na acção...
Quero fazer isto agora, como sempre quis, com o mesmo resultado;
Mas que bom ter o propósito claro, firme só na clareza, de fazer qualquer coisa!
Vou fazer as malas para o Definitivo,
Organizar Álvaro de Campos,
E amanhã ficar na mesma coisa que antes de ontem – um antes de [ontem que é sempre...
Sorrio do conhecimento antecipado da coisa-nenhuma que serei...
Sorrio ao menos; sempre é alguma coisa o sorrir.
[...]
Vendedeira da rua cantando o teu pregão como um hino inconsciente,
Rodinha dentada na relojoaria da economia política,
Mãe, presente ou futura, de mortos no descascar dos Impérios,
A tua voz chega-me como uma chamada a parte nenhuma, como o silêncio da vida... (PAC, p. 170, v. 1-21)

Na poesia de Campos, mais de uma vez as abstrações surgem concretizadas em imagens. Nada melhor do que a organização das prateleiras para representar a arrumação que deverá ser feita na sua própria vida. Também a concretização da ação de fazer as malas, organizar a si mesmo e também aos seus versos – “fazer as malas para o Definitivo” – poderia representar a preparação para uma partida importante, a publicação da sua poesia, pois sabemos que o poeta é somente os seus versos.

Aos poucos, vamo-nos dando conta de que esta iniciativa vai ter o mesmo destino de outras tantas. Apesar da vontade interna, nada realiza. Apesar da tentativa de mudança deste estado permanente de abulia, ele não conseguiu chegar *lá*, ficou no quase.

E, em mais um movimento característico da poesia de Campos, a realidade o invade e o cotidiano aparece como motivo de reflexão: a vendeira que canta o seu pregão traz na sua voz uma “chamada a parte nenhuma, como o silêncio da vida...” (Cf. PAC, p. 171, v. 21) Por fim, o cansaço reaparece como mais uma daquelas imagens concretas para fechar o poema: “E o meu cansaço é um barco

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

velho que apodrece na praia deserta,” (PAC, p. 171, v. 27). E, afinal, não se arrumou nem a mala, nem a vida.

A atitude de sarcasmo e dolorosa zombaria, não rara nos poemas deste heterônimo, que ri dos outros, mas, sobretudo, de si mesmo, fica evidente. O rir de si mesmo retrata uma ironia corrosiva, pois Campos não sorri de algo engraçado que tenha acontecido na sua vida e possa ser recordado com alegria, mas daquilo que poderá vir a ser, “coisa-nenhuma”. Por que arrumar as prateleiras da vida se o que o destino lhe reserva é ser “coisa-nenhuma”? Mesmo assim, ele sorri, porque o sorrir já significa alguma reação.

Em mais de um poema, Campos a necessidade de fazer a arrumação da mala é adiada, como, por exemplo, No poema “Grandes são os desertos, e tudo é deserto”. Aqui, o movimento de arrumar a mala é alternado com o do adiamento de todas as viagens. Partindo de uma profunda reflexão acerca da aridez interior e do descontentamento de si, chega-se à conclusão de que se tem por força que arrumar a mala. O gesto cotidiano de acender o cigarro é mais do que um simples gesto, representa o desejo de adiamento, seja da vida, seja do universo inteiro. O presente absoluto que assola a vida também deve ser adiado. O julgamento do adulto, de *agora*, é implacável consigo mesmo: o sentir-se derrotado pela vida o comprometeu de modo irremediável, deixando muito distante o menino de *outrora*, que ainda podia sonhar.

Grandes são os desertos, e tudo é deserto.
Não são algumas toneladas de pedras ou tijolos ao alto
Que disfarçam o solo, o tal solo que é tudo.
Grandes são os desertos e as almas desertas e grandes –
Desertas porque não passa por elas senão elas mesmas,
Grandes porque de ali se vê tudo, e tudo morreu.

Grandes são os desertos, minha alma!
Grandes são os desertos.

Não tirei bilhete para a vida,
Errei a porta do sentimento,
Não houve vontade ou ocasião que eu não perdesse.
Hoje não me resta, em vésperas de viagem,
Com a mala aberta esperando a arrumação adiada,
Sentado na cadeira em companhia com as camisas que não cabem,
Hoje não me resta (à parte o incômodo de estar assim sentado)
Senão saber isto:

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

Grandes são os desertos, e tudo é deserto.
Grande é a vida, e não vale a pena haver vida.
Arrumo melhor a mala com os olhos de pensar em arrumar
Que com arrumação das mãos factícias (e creio que digo bem).
Acendo um cigarro para adiar a viagem,
Para adiar todas as viagens,
Para adiar o universo inteiro.

Volta amanhã, realidade!
Basta por hoje, gentes!
Adia-te, presente absoluto!
Mais vale não ter que ser assim.

Comprem chocolates à criança a quem sucedi por erro,
E tirem a tabuleta porque amanhã é infinito.
Mas tenho que arrumar a mala,
Tenho por força que arrumar a mala,
A mala.
Não posso levar as camisas na hipótese e a mala na razão.
Sim, toda a vida tenho tido que arrumar a mala.
Mas também, toda a vida, tenho ficado sentado sobre o canto das camisas empilhadas,
A ruminar, como um boi que não chegou a Ápis, destino.

Tenho que arrumar a mala de ser.
Tenho que existir a arrumar malas.
A cinza do cigarro cai sobre a camisa de cima do monte.
Olho para o lado, verifico que estou a dormir.
Sei só que tenho que arrumar a mala,
E que os desertos são grandes e tudo é deserto,
E qualquer parábola a respeito disto, mas dessa é que já me esqueci.

Ergo-me de repente todos os Césares.
Vou definitivamente arrumar a mala.
Arre, hei de arrumá-la e fechá-la;
Hei de vê-la levar de aqui,
Hei de existir independentemente dela.

Grandes são os desertos e tudo é deserto,
Salvo erro, naturalmente.

Pobre da alma humana com oásis só no deserto ao lado!

Mais vale arrumar a mala.
Fim. (PAC, p. 184-185)

Mesmo com a constatação de que arruma melhor a mala apenas no pensamento, sabe que não é apenas no pensamento que a sua

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

vida deverá ser arrumada, mas também na ação. A repetição da expressão “ter que arrumar” torna obrigatória a tentativa de realizar a ação.

A alternância entre pensamento e ação é o que marca o poema, à necessidade de arrumar a mala alterna a reflexão de que tudo é deserto. Acreditamos que uma questão está sendo colocada: por que “arrumar a mala de ser” se tudo é deserto?

Como vimos observando na análise desta e de outras poesias, por toda a vida teve e tem de arrumar a mala, mas o que tem feito é ficar sentado. Contudo, num dado momento, o impulso para arrumar a mala parece vencer a atitude estática e ruminante. Só que, quando se levanta em definitivo, com força e coragem para arrumar a mala, mais uma vez volta à questão da felicidade que mora sempre na casa dos outros ou em qualquer lugar em que não se esteja. Ele tem pena de si mesmo, porque sabe que o deserto que se formou, sem possibilidade de disfarçar o solo com pedras e tijolos, está no seu interior, pois pode até ser que nem tudo seja deserto, pode haver oásis, mas não para ele.

No final, como última tentativa desesperada de ancorar nessa necessidade, decide que mais vale arrumar a mala, porque senão o pensamento lhe revelará o vazio, o do deserto de ser. Mas, talvez já seja tarde demais, porque o no último verso, lemos a palavra “Fim”.

A repetição insistente da *mala* na poesia de Campos não é aleatória. No seu poema “Opiário”, o primeiro segundo a ficção criada por Pessoa, o poeta está a bordo de um navio, no canal de Suez. Noutro poema, ficamos sabendo que “Afim, a melhor maneira de viajar é sentir.” (PAC, p. 223, v. 1), sem falar na “Ode Marítima”. Além disso, em tantos outros, vimos o tema da viagem ser retomado. E, porque é um viajante, torna-se extremamente necessário que a mala esteja arrumada.

A mala, porém, como tantos outros objetos, não significa apenas em sua materialidade objetual, representa um pouco mais, também porque a viagem na poesia de Campos é mais do que o movimento de partida de ou retorno a algum lugar. A grande viagem empreendida neste poema é ao interior de si mesmo e, para tanto, é necessário “arrumar a mala de ser.”

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

A partida para algum lugar, por vezes, pode significar a tentativa de encontrar-se, como no poema “Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra”. Partir de Lisboa para Sintra, guiando sozinho e devagar, não representa apenas o deslocamento de um lugar a outro, mas a viagem por “outra estrada, por outro sonho, por outro mundo, / Que sigo sem haver Lisboa deixada ou Sintra a que ir ter,” (PAC, p. 160, v. 4-5). Porém, lugar nenhum terá aquilo que procura, porque a sua insatisfação e a sua incomodidade não estão do lado de fora, mas dentro de si mesmo.

Seja em Lisboa, em Sintra, na estrada real ou metonímica, a angústia domina o *agora* deste eu sempre em busca. O automóvel emprestado, em princípio apenas um símbolo, é mais um objeto que, de repente, toma corpo e inclui o sujeito, passando a representar tudo aquilo que lhe foi emprestado e que ele toma como seu, chegando, ele mesmo, a ser o resultado disso:

Quantas coisas que me emprestaram guio como minhas!
Quanto que me emprestaram, ai de mim!, eu próprio sou!
(PAC, p. 161, v. 18-19).

Alternam-se sujeito e objeto na posição de agente: “Deixarei sonhos atrás de mim, ou é o automóvel que os deixa? Eu, guiador do automóvel emprestado, ou o automóvel emprestado que eu guio?” (PAC, p. 162, v. 35-36)

A viagem em busca da promessa de uma felicidade que elimine a angústia, uma vez mais, revela algo que já pontuamos anteriormente: apenas os outros podem ser felizes, mas ele, não. A aproximação do ponto de chegada não alivia o seu coração insatisfeito. Fica-se, portanto, à deriva de si mesmo:

Na estrada de Sintra, cada vez mais perto de Sintra,
Na estrada de Sintra, cada vez menos perto de mim...
(PAC, p. 162, v. 49-50).

O paralelismo dos versos finais e a substituição de dois vocábulos – de *mais*, pelo seu oposto *menos* e de *Sintra* por *de mim* – indicam de maneira clara o que dissemos. O que deseja alcançar nesta viagem pela estrada, guiando o Chevrolet, não é tanto Sintra, mas ele mesmo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No *agora*, portanto, a felicidade está apenas fora dele, está dentro das casas que ele só vislumbra pela janela, mas onde não pode entrar, pois, se entrar, ela já não estará mais lá. No *agora*, acredita que *outrora* era feliz, por isso, a busca incessante do eu do passado, que ainda não havia sido derrotado e não vivia a frustração por saber que falhara na vida. O retorno à infância parece ser a garantia de que estariam reunidos os restos, os resíduos daquilo que fora, contudo, isto não se confirma, desfazendo o sonho de uma restauração e perdendo a utopia do centramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERARDINELLI, C. *Fernando Pessoa: outra vez te revejo...* Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.

COELHO, J. do P. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. São Paulo: Verbo, 1977.

FREUD, S. Luto e melancolia. **In:** —. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 275-291.

FRIEDRICH, H. *Estrutura da lírica moderna* (da metade do século XIX a meados do século XX). São Paulo: Duas Cidades, 1978.

LOURENÇO, E. *Pessoa revisitado: leitura estruturante do drama em gente*. Lisboa: Gradiva, 2003.

MATOS, O. A melancolia de Ulisses. **In:** CARDOSO, S. [et alii]. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

PESSOA, F. *Poemas de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SERRÃO, J. Notas sobre a experiência do tédio na vida e na poesia de Fernando Pessoa. **In:** *Temas de Cultura Portuguesa II*. Lisboa: Portugália, 1965, p. 149-184.